

O (DES) CONHECIMENTO DA COMUNIDADE MONTE-BELENSE EM RELAÇÃO À LINGUÍSTICA

Elizete Beatriz Azambuja
Gustavo Duarte de Oliveira
Universidade Estadual de Goiás
Câmpus de São Luís de Montes Belos

Introdução

[...] decorar regras gramaticais, sem que se as compreenda como produtivas para uma expressão escrita, continuará sendo perda de tempo e de energia mental, em qualquer situação de ensino/aprendizagem da língua materna. Inez Sautchuk

É claro que ensinar Linguística nos cursos de Letras não é passar receitas prontas para os problemas de análise sintática, nem expor magistralmente teorias e modelos prestigiosos junto à própria comunidade dos linguistas; menos apropriada ainda seria a discussão programática dos objetivos da Linguística, da subdivisão de suas disciplinas ou o confronto das escolas. Rodolfo Ilari

Categoricamente, somos acostumados a compreender que o estudo da língua diz respeito a sua estrutura normativa. Socialmente atribuímos certos imaginários, como por exemplo, a concepção que nós temos de entender uma língua, acontece na medida em que conseguimos dizer que compreendemos a sua finitude lexical – somos falantes cientes de tal infinitude lexical existente na língua, mas enquanto atuantes da fala, sobrevivemos com uma quantidade lexical significativa para a comunicação, visto que é impossível ser detentor de todo o léxico existente na língua.

Por encadeamento, atribuo de neologismo, para explicar a sua “infronteira” física ,ou seja, não há autonomia por parte da língua em relação à amplitude geográfica que limita o homem, fronteiras que proporcionam variedade cultural.

É abordado, na apresentação desse artigo, o objetivo de externar o conhecimento e/ou desconhecimento de uma comunidade em relação aos estudos linguísticos.

Nesse texto, também discuto sobre o equívoco de pensar que o estudo de análise da língua está estritamente ligado à disciplina de Língua Portuguesa (ensino da norma padrão da língua), onde aprendemos que, por exemplo, antes de “p” e “b” se usa “m”. Há um imaginário social de que os fundamentos da Linguística estão vinculados à estrutura normativa da gramática, e não, por exemplo, na análise da dicotomia Língua e Fala.

Pedagogia da Linguística

Maria Cristina Altman, professora titular do departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, propõe em sua participação no Programa UNESP, Princípios Gerais da Linguística, pensar a Linguística como uma disciplina e também como um campo do conhecimento.

Enquanto disciplina, a Linguística é relativamente nova, ou seja, podemos reconhecê-la como ciência independente, como ciência da linguagem na qual estrutura os estudos linguísticos em seus próprios fundamentos, a partir do fim do século XX. Altman continua dizendo em seu discurso que “essa disciplina tem como objeto de estudo, as línguas naturais. Línguas que surgem espontaneamente, cujo objetivo é a comunicação social”. Língua que segundo Saussure é comum a todos; um produto social; um sistema de signos.

Podemos ressaltar também ao conceito língua a ideia de que é a capacidade mental expressa e concreta do homem, um princípio que marca e registra o crescimento das faculdades humanas de se comunicar, de transmitir informações através de um código. O objeto de estudo que é constituído pela História, sociedade e pela ideologia. E essa ideologia é composta por percepção de sentidos, sentidos esses que constroem imaginários em relação ao funcionamento da língua.

Entretanto, se pararmos para pensar em uma Linguística caracterizada como campo do conhecimento, apreendemos que este relacionamento entre linguística e história acontece já há algum tempo, ou seja, a contribuição da linguística na história, com o conhecimento humano não ocorre com a Linguística moderna, mas com a participação dessa disciplina em outras áreas do conhecimento como Sociologia, Antropologia entre outros. A análise da Linguística como campo de estudos linguísticos, começa a partir do momento em que o homem estabelece reflexões sobre sua própria língua e a língua dos outros homens. Iniciam-se os conhecimentos da ciência da linguagem.

A matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana [...] não só a linguagem correta e a ‘bela linguagem’, mas todas as formas de expressão. (SAUSSURE, 1995, p. 13).

Saussure esclarece que o objeto de estudo da linguística é a linguagem humana enquanto representativo de linguagem no todo, não há segmentação da linguagem nos âmbitos correto e equivocado, bonito ou feio, mas em toda manifestação linguística do homem. E este posicionamento conceitual representa uma das reflexões primeiras acerca da visão de língua por intermédio da linguística.

Através de Saussure, a Linguística Moderna é fundada com a publicação de seu livro *Curso de Linguística Geral*, em 1916. Na verdade, foi escrito por dois de seus alunos com a colaboração de um terceiro baseado em anotações de sala de aula, e são essas anotações que fundamentam a pedra filosofal que marca toda a história de análise da língua.

Diferenças entre os pontos de vista da Linguística e Língua Portuguesa

Nosso discurso obtém a norma padrão como sendo parâmetro de comparação da língua, produz-se o conceito certo e errado, hierarquizamos a maneira que os sujeitos se expressam, classificando como correto e errôneo. Tal conceito “certo” é expresso pela gramática normativa que é o objeto de estudo da disciplina de Língua Portuguesa.

Socialmente, aprendemos a construir nossos ideais fundamentalistas e estruturalistas ao lidarmos com ensinamentos de língua. Nossos olhos se voltam para aquilo que é considerado/construído, pela ideologia dominante, como correto e aderimos a um posicionamento crítico de rotular sujeitos pelo estereótipo de falar bem ou mal e pela estética de falar bonito ou feio.

Continuemos então a caminhar por dentro uma concepção, a diferença entre Linguística e Língua Portuguesa. Ambas as ciências comunicam entre si sobre o mesmo assunto, a língua.

Primeiramente os gregos iniciaram a fazer aquilo que na Língua Portuguesa se relacionaria como normativa, a gramática. É claro que para cada língua existiria o seu livro de regras, como para os gregos decidiam os comportamentos linguísticos que a língua grega devia seguir, assim também, a Língua Portuguesa edificou os seus pilares em gramáticas normativas da língua portuguesa e dicionários.

A análise da língua não começou com os fundamentos da mesma tentando homogeneizá-la dentro do seu campo, ou seja, como aconteceu com a Língua Portuguesa que depois de tantas modificações desde o latim vulgar até os pés da Língua Portuguesa que conhecemos hoje, teve inúmeras transformações lexicais, e só parou de transformar em outra língua com a criação do diretório linguístico, a gramática.

Para exemplificar a diferença existente entre as duas disciplinas, coloquemos duas sentenças e analisemos de acordo com o ponto de vista de cada uma.

Nóis vai aonde? x Aonde vamos?

Na perspectiva da gramática normativa, essa sentença está “errada”, pois não há uma concordância verbal determinada entre o verbo e o pronome. Além disso, na forma do pronome ocorre um fato linguístico chamado ditongação.

Isto é, detalhadamente, podemos esclarecer que o verbo “ir”, conjugado na terceira pessoa do singular – *Ele vai*, não concorda com o pronome que está sendo usado na frase que é a primeira pessoa do plural – *Nós vamos*. Por conseguinte, não se fala “nóis” e sim “nós”, essa forma de falar, da qual o pronome foi construído, chama-se ditongação. Este ato ocorre quando falamos e escrevemos ditongos em palavras que não ocorrem tal encontro vocálico. Exemplo: dez – deiz; três – trêis.

Avaliando esses enunciados pela Linguística, já é diferente, pois se leva em conta o contexto sócio-histórico envolvido na produção dessa sentença. O falante não é responsabilizado em contrapor as ideias da norma padrão, ele é caracterizado como responsável de sua própria fala, visto que conseguiu expressar o objetivo idealizado, a comunicação e posteriormente. E também, a relação entre indivíduo e meio é relevante.

Não se pode censurar um falante por não obedecer aos padrões normativos, já que há possibilidade de o indivíduo não estar inserido em um meio social em que é usada a norma padrão.

Paradigmas conhecidos pela comunidade: análise dos dados

Segundo Kanavillil (2003), a saúde de uma disciplina se mede pela presteza com a qual ela consegue responder as novas realidades que surgem no mundo em que vivemos e pelo interesse que ela evidencia em atender aos anseios e preocupações típicos de cada época.

Desta forma explicada por Kanavillil, entendemos que a vivacidade de uma disciplina diz respeito aos anseios correspondidos em determinadas épocas.

Esse pensamento nos ajuda a teorizar que os fundamentos da linguística não eram reconhecidos nem mesmo efetivados na sociedade monte-belense, porque em um momento histórico da comunidade, a educação não se voltou para reconhecer os largos estudos da língua. Um vasto campo que não é direcionado, simplesmente, ao território normativo.

Presente nas entrevistas, somente a resposta da primeira pergunta feita aos entrevistados, revela o índice de uma classe pesquisada da comunidade monte-belense sobre os conhecimentos linguísticos, sendo o desconhecimento maior que o de conhecimento, pois as pessoas responderam que não se lembravam de ter ouvido falar ou estudado sobre o campo da ciência da linguagem.

Os entrevistados cujo público alvo tem formação de segundo grau, ou ensino médio completo, predominantemente, não souberam responder sobre quais são os fundamentos de estudos da Linguística. O máximo que conseguiram sistematizar na resposta é o objeto de estudo da disciplina, isto é, que a disciplina está ligada a língua.

E, por conseguinte, a ideia de que a relevância do conhecimento social da Linguística fica restringida somente aos cursos de licenciatura relacionados aos estudos da língua, como por exemplo, o curso de Letras.

Por isso, o número significativo de não conhecedores da Linguística. Os sujeitos entrevistados na pesquisa dizem ter apenas uma noção sobre o que é Linguística, e muitos deles respondem que está dentro da área de estudo da Língua Portuguesa ou é o estudo da união das línguas.

Entrevistas

Durante o processo da construção do artigo, as entrevistas foram realizadas para consolidar o imaginário social da comunidade monte-belense em relação à Linguística. O nível escolar dos entrevistados são predominantemente concluintes do segundo grau, ou nível médio completo.

Foi realizada uma entrevista com questionamentos simples, mas objetivos:

- **Pergunta 01**- Você já ouviu falar de Linguística? Se a resposta for sim, onde?

-**Pergunta 02**- O que você pensa ser o conceito de Linguística?

3.1.1 Análise das entrevistas

Para a fundamentação do artigo, são citados alguns excertos de algumas entrevistas que expõem o imaginário social dos cidadãos monte-belenses em relação ao conceito da ciência da linguagem.

Sujeito Entrevistado 03

Escolaridade: Ensino Médio – Completo

Idade: 22 anos

Naturalidade: São Luís de Montes Belos/GO

Pergunta 01- Você já ouviu falar de Linguística? Se a resposta for sim, onde?

Resposta do Entrevistado: Sim, já ouvi falar sobre Linguística. Não sei, acho que na faculdade.

Pergunta 02- O que você pensa ser o conceito de Linguística?

Resposta do Entrevistado: A Linguística é uma disciplina que estuda a língua, no nosso caso a Língua Portuguesa. Eu acho que é o estudo aprofundado de uma língua. As suas aplicações, como ela é em funcionamento.

O posicionamento do sujeito entrevistado 03 é bastante interessante, porque consegue argumentar sobre o conceito de Linguística de uma forma superficial, mas objetiva. Ele disserta que a disciplina possui uma visão funcionalista da língua, ou seja, estuda o comportamento da língua em movimento.

O entrevistado 03 traz em seu enunciado o imaginário de que a Linguística constitui em seus fundamentos de estudo as “aplicações” da língua. O indivíduo pesquisado possui um conceito certo de Linguística, mas de certa forma não sabe que está falando de Linguística.

Sujeito Entrevistado 01

Escolaridade: Ensino Médio Completo

Idade: 46 anos

Naturalidade: São Luís de Montes Belos/GO

Pergunta 01- Você já ouviu falar de Linguística? Se a resposta for sim, onde?

Resposta do Entrevistado: Para ser mais claro, acredito que sim. Creio ter ouvido essa palavra alguma vez, mas não me lembro de onde.

Pergunta 02- O que você pensa ser o conceito de Linguística?

Resposta do Entrevistado: Infelizmente, não tenho ideia sobre o seu significado na íntegra. Meu pensamento é que a Linguística é relacionada à língua, a união de muitas línguas, por exemplo.

O sujeito entrevistado 01 associa a disciplina de Linguística ao estudo comparativo entre línguas, ou melhor, o entrevistado associa os estudos da ciência da linguagem como sendo o estudo em que considera todas as línguas como um todo, unificada. Percebe-se que o conceito língua é usado como sinônimo de idioma, na verdade, o sujeito entrevistado 01, se referiu a lingüística como o estudo da união de idiomas.

Em uma análise mais profunda, realmente só existe uma língua, aquela que fundamenta a comunicação entre os seres humanos, é estruturada por signos, elementos linguísticos, gráficos e sonoros que correspondem tanto à parte escrita quanto à oral, pronúncia.

Sujeito Entrevistado 02

Escolaridade: Ensino Médio Completo

Idade: 37 anos

Naturalidade: São Luís de Montes Belos/GO

Pergunta 01- Você já ouviu falar de Linguística? Se a resposta for sim, onde?

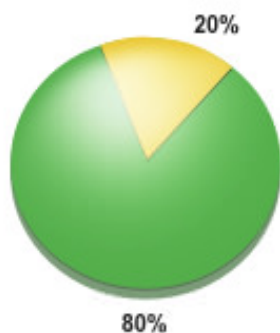
Resposta do Entrevistado: Não, nunca ouvi essa palavra antes.

Pergunta 02- O que você pensa ser o conceito de Linguística?

Resposta do Entrevistado: Também não sei o seu conceito

O entrevistado número 02 representa o resultado dominante na pesquisa, o de desconhecimento. O sujeito responde que, até o presente momento em sua vida, não se lembra de ouvir falar da palavra lingüística, utilizando o termo “nunca”, e para completar a informação de seu desconhecimento, afirma “nunca” tê-la escutado em lugar algum, “nunca” teve contato e muito menos estudado sobre.

Graficamente, podemos representar percentual de sujeitos entrevistados da seguinte forma:



- 20%: índice de entrevistados que conheciam a linguística.
- 80%: índice de entrevistado que desconheciam a linguística.

Simbolicamente, o gráfico apresenta o percentual de entrevistados que detêm e aqueles que não possuem conhecimento sobre o campo da ciência da linguagem. Na seção das entrevistas, estão presentes alguns exemplares constituintes da pesquisa, nesta seção, na qual há uma exposição gráfica, podemos ter uma visão ampla do desconhecimento da comunidade monte-belense em relação à Linguística.

Apenas vinte por cento (20%) dos entrevistados responderam as questões que correspondem às ideias do campo da ciência da linguagem, pois, oitenta por cento (80%) explicaram conhecer a Linguística como campo do conhecimento da língua, voltado para a gramática ou estudo de todas as línguas.

Considerações finais

Em seu livro- *Os níveis de análise linguística*, Vieira argumenta que “até certo ponto, a visão funcional é a posição comum de quem usa a língua com a finalidade prática de comunicação” (p.16). E, por conseguinte, continua dizendo que “nesse caso a questão é mais social do que propriamente linguística”, isto é, um indivíduo que não perfaz de uma visão diacrônica da língua, executa somente o ato de falar segundo a metalinguística, usando da língua como utensílio comunicativo e não como ferramenta de análise histórico-social.

Percebe-se que a comunidade monte-belense não se estruturou educacionalmente, como uma sociedade que reconhece a área de estudos da ciência da Linguagem.

Observa-se que o não conhecimento da Linguística não é consequência de uma educação específica, como por exemplo, a rede pública de educação, que é sempre alvo de críticas por falta de investimento, mas sim de uma sociedade que está se desenvolvendo, evoluindo socialmente.

Até o presente momento, com base na pesquisa realizada com indivíduos que possuem o segundo grau completo na comunidade, mostrou que, os cidadãos do município de São Luís de Montes Belos, possuem o imaginário de usar a língua como uma ferramenta para realizar ato de comunicação, mas a ideia de possuir a língua como utensílio de análise histórico-social não.

Sendo a gramática como imagem da língua um dos estereótipos mais fortes de nossa cultura, ligado além do mais à ideia de correção e “preservação” das variantes sociolinguísticas prestigiadas, seria normal que os setores mais reacionários da intelectualidade saíssem em defesa do estereótipo ameaçado, acentuando o contraste entre Linguística e Gramática, apontando o período de predomínio do ensino gramatical como uma espécie de paraíso perdido e imputando

à Linguística problemas que a nova ciência tornou sensíveis. (ILARI, 1992, p. 21)

Segundo Rodolfo Ilari em seu texto – *O papel da Linguística nos cursos de Letras há uma visão social que determina a ação da gramática e da linguística. E essa visão de didática da gramática suscita certas metodologias que a linguística terá o trabalho de cuidar.*

Aplicamos a ideia de que na comunidade de São Luís de Montes Belos serão reconhecidos os paradigmas estudados por ambas às disciplinas, a partir do momento em que os problemas que se tornam sensíveis no decorrer da história, ou seja, se tornam mais perceptíveis, como a hierarquização da língua que gera preconceito entre pessoas com base no “como” a pessoa fala, sejam tratados pela Linguística.

REFERÊNCIAS

- CAGLIARI, Luiz Carlos. A linguística e o ensino de português. In: CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Scipione, 2002.
- ILARI, Rodolfo. O papel da linguística nos cursos de Letras. In: ILARI, Rodolfo. **A linguística e o ensino da Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ORLANDI, Eni. **O que é Linguística**. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. Relevância social da linguística. In: RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. In: São Paulo: Parábola editorial, 2003.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.
- SILVA, Lacordaire Vieira. **Os níveis de Análise Linguística**. – Goiânia : Ed. da UCG, 2004. 103p.
- SOUZA, João Ernandes de. Linguística e Ensino: Determinações Paradigmáticas. In: **Revista Educativa**. Goiânia, vol.07, n.1, p. 67-86, jan./jun. 2004.
- Pedagogia UNESP – Princípios Gerais da Linguística**.2011.[online].[18/06/2013]. Proveniente da World Wide Web: <http://www.youtube.com/watch?v=ndv6mSyXbZ4>